

O USO DO VERBO DAR NO JOGO DA LINGUAGEM

Aucione Smarsaro*
Lúcia Helena Peyroton da Rocha**

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar um estudo descritivo do verbo *dar* na estrutura *dar X em Y*. Essa estrutura se caracteriza de modo especial, pela ausência do sujeito e talvez, por isso não tenha o mesmo grau de produtividade como as que admitem sujeito. As análises serão feitas com o suporte teórico do léxico-gramática, Gross (1975), de valências, Borba (1996) e do funcionalismo. As duas primeiras se coadunam na perspectiva de se levarem em conta as propriedades gramaticais e lexicais das palavras se convergindo com a terceira num ambiente de descrição em que se considera a língua, sua gramática e o uso. Esse trinômio teórico tem em comum uma proposta de descrição que atende aos nossos objetivos, na medida em que nos permite diferenciar uma construção com verbo *dar* pleno, suporte ou expressão. As análises são feitas por meio de critérios que levam em conta as propriedades sintático-semânticas da estrutura inserida num contexto frasal com o maior número de argumentos possíveis, possibilitando a demonstração do uso dessa estrutura como ação que semanticamente se caracteriza, na maioria dos casos observados, como uma ação de resultado negativo.

PALAVRAS-CHAVE: Estrutura *dar x em y*. Verbo suporte. Verbo pleno. Expressão.

RÉSUMÉ

Cet article a pour but de présenter une étude descriptive de verbe *dar (donner) X en Y*. Cette structure se caractérise d'une manière spéciale par l'absence du sujet et, c'est pour cela, peut-être, qu'elle n'a pas la même productivité que celles qui admettent un sujet. Les analyses seront faites en s'appuyant sur le support technique de La lexique-grammaire, Gross (1955), des valences, Borba (1996) et du fonctionnalisme. Les deux premières théories se combinent vu qu'elles permettent de prendre en compte les propriétés grammaticales et lexicales des mots et elles se rejoignent à la troisième dans une ambience de description où l'on considère la langue, sa grammaire et son emploi. Ce trinôme théorique contient une proposition de description qui atteint nos objectifs, dans la mesure qui nous permet de distinguer une construction avec le verbe *dar (donner)* plein, support ou expression. Les analyses seront faites par des critères qui prennent en compte les propriétés syntatico-sémantiques de la structure dans un contexte de phrase avec un maximum d'arguments possibles, en permettant de démontrer l'emploi de cette structure comme une action qui se caractérise sémantiquement, dans la plupart des cas observés, comme une action de résultat négatif.

MOTS-CLÉS: Structure *dar (donner) X en Y*. Verbe support. Verbe plein. Expression.

*Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória-ES, Brasil. E-mail: aucione@uol.com.br.

** Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória-ES, Brasil. E-mail: lhpr@terra.com.br.

INTRODUÇÃO

Ilari e Basso (2008, p. 163) têm razão quando afirmam que pensar em aspectos formais de verbos é “apenas uma das ‘riquezas’ dessa classe; porque o papel que o verbo desempenha na sentença, no discurso e na comunicação é bem mais complexo do que sugerem as abordagens tradicionais”. Concordando com os autores e por reconhecermos a relevância dessa classe no âmbito da morfologia e da sintaxe pelas extensões de sentido decorrentes dessa interface e da criatividade do falante, apresentamos neste artigo uma reflexão sobre a estrutura linguística constituída pelo verbo *Dar X em Y* do tipo, por exemplo, *deu infiltração na laje, deu febre em Pedro, deu mofo no guarda-roupa*, etc.

A descrição que apresentamos se apoia em três teorias no que guardam entre si compatibilidades e por isso nos permitirá uma análise mais ampla:

- (1) A Teoria do Léxico-Gramática, definida por Maurice Gross (1975), que se apoia nos princípios de descrição propostos por Harris, auxilia-nos com a orientação de que podemos descrever estruturas linguísticas, por meio de critérios sintáticos, a partir da elaboração de frases que apresentam um sujeito ou não, um predicado e o maior número de argumentos possíveis.
- (2) A Teoria de Valências proposta por Borba (1996), que é o resultado da combinação das propostas sintáticas de Harris e Tesnière (1969) acoplada à gramática de casos de Fillmore (1969). Da unificação das três correntes, decorre a teoria dos predicados, também denominada teoria argumentativa. A teoria de valências funda-se no pressuposto de que o verbo é central na oração. Esse princípio da centralidade do verbo foi formulado pela primeira vez por Tesnière (1969) e se justifica na medida em que é o verbo que determina a estrutura de base da oração, tanto no nível morfossintático, quanto no semântico. É a esse dinamismo verbal que se tem denominado de valência do verbo.
- (3) Nossa investigação baseia-se nos pressupostos do Funcionalismo Linguístico que adota a concepção de uma linguística centrada no uso, concebendo a língua como uma entidade dinâmica e descrevendo o comportamento linguístico como um processo e não apenas como um estado ou um produto, ou uma tradição histórica. Em vez de ser analisada como um sistema fechado, auto-suficiente, a língua é interpretada como uma entidade que é constantemente moldada por fatores externos como forças cognitivas, manipulação pragmática, histórica, dentre outras. Isto significa que a língua não pode

ser explicada, satisfatoriamente, somente com referência a variáveis linguísticas, mas são necessários, além disso, parâmetros extralinguísticos ligados ao modo como percebemos o mundo que nos rodeia, e como podemos utilizar os recursos linguísticos disponíveis para conceituar as nossas experiências, e para nos comunicarmos com êxito.

Daí a possibilidade de o *corpus* poder ser representado por exemplos atestados (escritos) em uso na língua, mas também construídos, visto que com a intervenção humana podemos também atestar o uso da língua, considerando que o uso não se reflete somente em textos de jornais, revista, web, enfim, em qualquer texto escrito, mas também naqueles em que o julgamento de aceitabilidade ou inaceitabilidade por parte de falantes nativos pode representar as ocorrências de uso de uma determinada língua, respeitando-se as combinações léxico-gramaticais dessa língua.

De acordo com Borba (2007), as propriedades das estruturas podem ser entendidas não apenas como qualidade inerente, mas ainda como capacidade ou possibilidade, percebe-se que se hierarquizam aquelas que são próprias do léxico. Assim são as propriedades sintáticas que comandam as demais. Possibilitando as relações entre os itens, elas, as sintáticas, são condição para que se descubram as propriedades semânticas, sendo que as pragmáticas são a soma das duas na situação de uso.

Nessas perspectivas, léxico e gramática são duas faces da mesma realidade. A representação da estrutura lexical analisada inclui as propriedades gramaticais, morfossintáticas e argumentais, assim como as propriedades semântico-conceituais e instrumentos que sustentam o seu funcionamento em contextos e em situações pragmáticas diversas (de uso). A gramática, por sua vez, compila as regras, as condições e as restrições que presidem ao funcionamento, nos diversos níveis (morfológico, sintático, semântico) das unidades lexicais. As estruturas lexicais são portadoras de significação lexical e gramatical. A gramática de uma unidade lexical não é dissociada da sua significação léxico-gramatical, da estrutura conceitual que a suporta, e do universo referencial a que remete.

Antes de iniciarmos o trabalho de descrição do comportamento morfossintático-semântico da estrutura *Dar X em Y*, julgamos interessante destacarmos alguns aspectos no que diz respeito à descrição de um verbo pleno, uma estrutura fixa e uma estrutura com verbo suporte. Isso se faz necessário, considerando que o verbo *dar* apresenta ocorrência nas três

condições, por isso atentamos para a distinção do comportamento desse verbo nas três possibilidades de realização a seguir:

O VERBO DAR FUNCIONANDO COMO PLENO

O verbo pleno funciona com o seu valor mais prototípico “entregar” em que se estabelece uma relação entre um agente e um receptivo para uma transferência de X como no exemplo abaixo, em que se tem:

(1) Ana *deu* um documento a um funcionário

que pode ser interpretado como Ana *entregou* ao funcionário um documento.

O verbo *dar* comporta-se como um verbo de valência três, tem um sujeito agente [+humano; +intencional; +controlador]; um complemento [+concreto] e um outro receptivo [+humano] a quem se destina a ação verbal.

O VERBO DAR FUNCIONANDO COMO EXPRESSÃO FIXA

O verbo *dar* quando constitui uma expressão fixa não permite a segmentação em partes da sequência, porque forma um constituinte único, como nos exemplos de (2) a (7):

- (2) Dar murro em ponta de faca = insistir inutilmente
- (3) Dar nó em pingo d'água = fazer coisas impossíveis
- (4) Dar a alma ao diabo = fazer o máximo de absurdo
- (5) Dar a mão à palmatória = reconhecer erro, perda
- (6) Dar com a língua nos dentes = revelar, delatar
- (7) Dar com os burros n'água = se dar mal

Nesses casos, a interpretação vai depender do conhecimento compartilhado com a comunidade linguística de uma determinada língua. É na ambiência linguística que internalizamos os diferentes sentidos que as expressões estabelecem, conforme o contexto de uso.

Todos os exemplos apresentados têm sentido figurado e em nenhum deles poderíamos obter a mesma interpretação se substituirmos o verbo *dar* pelo verbo *entregar*, como nos casos anteriores.

- (2) entregou murro em ponta de faca = insistir inutilmente
- (3) entregou nó em pingo d'água = fazer coisas impossíveis
- (4) entregou a alma ao diabo = fazer o máximo de absurdo
- (5) entregou a mão à palmatória = reconhecer erro, perda
- (6) entregou com a língua nos dentes = revelar, delatar
- (7) entregou com os burros n'água = se dar mal

Com esse simples teste fica evidente que o verbo *dar* pode ser usado em diversos tipos de estruturas, contraindo diferentes significados, indo muito além do seu sentido prototípico.

O VERBO DAR FUNCIONANDO COMO SUPORTE

O verbo suporte é um verbo semanticamente esvaziado que forma com o SN objeto uma expressão verbal na qual o verbo contém as propriedades verbais gramaticais e o significado nuclear é dado pelo SN, como nos exemplos:

- (8) Dar banho > banhar
- (9) Dar grito > gritar
- (10) Dar beijo > beijar

Uma construção com verbo suporte sempre tem variante sem o verbo suporte, sem mudança de sentido do predicado, como se vê nos exemplos de (11) a (12):

- (11) *João tem segurança* > *A segurança que João tem é impressionante*
- (11a) *A segurança de João é impressionante*
- (12) *João deu uma volta no bairro* > *A volta que João deu no bairro foi longa*
- (12a) *Depois de uma volta no bairro, o João voltou*

Uma construção com verbo suporte sempre tem variante sem o verbo suporte. Senão, a construção é classificada como fixa, como no exemplo a seguir:

(13) João deu bola para a Ana

(13a) *Ana pegou a bola do João para ela

As estruturas apresentadas nesta análise representam um recorte entre as ocorrências de uso do verbo *dar*, especialmente pela característica de ausência de um sujeito. Nossa pretensão vai seguindo uma estratégia de análise, por meio de critérios formais, com vistas ao reconhecimento das propriedades morfosintáticas-semânticas que possam delimitá-las entre os conceitos de verbo pleno, fixidez e verbo suporte, dependendo da natureza dos argumentos e do contexto de uso.

ANALISANDO ALGUNS EXEMPLOS

(14) Maria deu um sítio para João

Em (14) *dar* é um verbo de [Ação-processo] com a seguinte estrutura: [Compl1: nome concreto. +Compl2: *a/para*+nome animado] – está empregado no sentido de “presentear; doar”, cujo traço é transferência de posse, em que um *sujeito agente*: Maria transfere o *objeto afetado*: um presente para um elemento *beneficiário* introduzido pela preposição *a*. A presença do sujeito Maria se configura com a responsabilidade de realizar a ação de *dar X para Y*.

Pela natureza transitiva do verbo *dar*, em que se tem a matriz prototípica plenamente realizada, algumas transformações / testes são possíveis: (i) a transformação para estrutura de passiva. Como se vê em:

(14a) Um sítio foi dado a João por Maria

(ii) a pronominalização do complemento *um sítio*, em que é permitida a sua substituição pelo pronome oblíquo átono em (14b):

(14b) Maria *deu-o* para João

(iii) a coordenação com outro elemento de natureza semelhante: [+ concreto].

(14c) Maria deu *um sítio e um carro* para João

Com um elemento de natureza [+ concreto] e [+ abstrato] não é possível:

*Maria deu um sítio e um amor para João.

A impossibilidade dessa coordenação se dá por algo já previsto por autores tradicionais que defendem que só é possível coordenar elementos compatíveis semanticamente.

(15) Maria deu um abraço em João

No caso de *dar* como verbo suporte nem sempre é possível encontrar as mesmas propriedades, por exemplo, em (15) temos a possibilidade de ter uma forma nominalizada correspondente a *dar um abraço*, que é *abraçou*, como está em (16)

(16) Maria *abraçou* João

enquanto que em *dar um sítio* isso não é possível.

(17) *Maria *sitiou* João.

Contudo, nem sempre é possível verificar essa propriedade em todas as construções com verbo suporte, para algumas ainda não temos ocorrência no uso da língua como, por exemplo,

(18) *Maria chinelou o menino

Poderíamos afirmar que esse sentido se depreende de *Maria deu uma chinelado ao menino* se correspondesse ao critério acima.

Assim como os verbos plenos, algumas estruturas com verbo suporte também podem ser transformadas em passiva.

(19) *João foi abraçado por Maria.*

Já no caso de

(20) Deu banana no sítio do João

observa-se a realização do verbo *dar* como suporte, todavia sem a presença do sujeito. Essas estruturas revelam por meio de transformações sintáticas uma variação com o verbo *ter*, como se pode observar nos exemplos a seguir:

(21a) *Deu* frutas no sítio do João

(21b) O sítio do João *tem* frutas

(22a) Deu piolho na cabeça das crianças

(22b) A cabeça das crianças *tem* piolho

(23a) *Deu* infiltração na laje

(23b) A laje *tem* infiltração

É possível uma variação com o verbo *estar* também, retomando os exemplos (22a) e (23a) chegamos a (22c) e (23c):

(22a) *Deu* piolho na cabeça das crianças

(22b) A cabeça das crianças *tem* piolho

(22c) A cabeça das crianças *está* com piolho

(23a) Deu infiltração na laje

(23b) A laje *tem* infiltração

(23c) A laje *está* com infiltração

ESTRUTURA COM VERBO SUPORTE OU ESTRUTURA FIXA

Outro aspecto bastante interessante é o caso de estruturas ambíguas em que uma se realiza como verbo suporte e outra como fixa.

(24) Maria *deu um nó* no cadarço do sapato

(25) *Deu um nó* em minha cabeça durante a prova

Em (24) *dar um nó* apresenta um sentido literal que significa amarrar o cadarço, o nome nó é o complemento do verbo *dar*. Já em (25) não podemos processar a interpretação com a mesma análise, tendo em vista que há um distanciamento literal do sentido de nó. Em (25) a palavra nó é uma metáfora de uma situação que é afetada por um bloqueio, ausência ou confusão de informações. O sentido de dar um nó é, portanto, não-composicional, o que se pode verificar pelas restrições impostas por essa palavra, como nos exemplos a seguir:

(26) Maria *deu um nó apertado* no cadarço do sapato

(27) Maria *deu dois nós apertados* no cadarço do sapato

**Deu um nó apertado* em minha cabeça durante a prova

**Deu dois nós apertados* em minha cabeça durante a prova

A posposição do atributo apertado e inserção de um quantificador mostram essas restrições, considerando que, neste contexto de uso, o nosso conhecimento sinaliza para uma impossibilidade de se dar um nó em nossa cabeça, ou seja, nesse sentido, cabeça não tem a propriedade de receber nó. Daí a noção do distanciamento de sentido dos componentes da sequência, dando a ela o caráter de fixidez.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é novidade que é a partir da necessidade comunicativa que o falante faz suas escolhas linguísticas quer por um verbo pleno, quer por estruturas com verbo suporte ou ainda por uma expressão. Nesse sentido, se um falante pretende informar ao outro que alguém teve febre, ele pode, por exemplo, afirmar o que se segue: (1) Maria deu febre à noite, mas não: *Maria deu febre em João. Esta frase é inaceitável, tendo em vista que Maria não pode exercer o papel de sujeito neste contexto, considerando que febre representa um estado. Nessa perspectiva, o elemento febre inviabiliza a existência do sujeito porque evidencia um estado de saúde inerente a um aspecto biológico de João. Febre está consignada no dicionário de Borba et al (2001, p. 697) como “estado de doença caracterizado pelo aumento da temperatura do corpo e aceleração do pulso”. Portanto, nessa ambiência linguística, o verbo *dar* não pode selecionar como argumento o nome com o traço [+humano]: Maria.

Também se observa que o verbo *dar* em: (1) Maria deu febre à noite apresenta característica do verbo suporte, como asseguram as aplicações dos testes: (i) [Relat.] A febre que deu em Maria à noite ressecou os seus lábios; (ii) [VS] A febre de João ressecou os seus lábios.

O teste de natureza sintática por meio de transformação de uma frase simples em uma relativa é uma possibilidade de examinarmos se o verbo *dar* comporta-se no exemplo em questão como um verbo suporte (VS). Todas as vezes que essa transformação for feita e o verbo puder ser substituído sem alterar o sentido da informação trata-se de um verbo suporte.

Por outro lado, observa-se no exemplo (2) Maria deu um presente a João, em que o verbo *dar* está em seu uso prototípico, há um comportamento diferente do verbo *dar* em (1), considerando que em suas propriedades percebe-se a noção de alguém dá X para Y. Nesse caso, há a presença de um sujeito com o traço [+humano]: Maria e um complemento beneficiário [+humano]: João. Isso caracteriza o verbo *dar* como verbo pleno diferentemente do comportamento do verbo *dar* no exemplo anterior, em que a presença do sujeito é inaceitável.

Outros aspectos também podem ser destacados como a possibilidade de substituição do verbo *dar*: João recebeu/ganhou um presente de Maria.

No caso de expressões como em: Maria dá nó em pingo d'água, observa-se que o significado global dessa estrutura é dissociado do significado de suas partes. Isso quer dizer que a sequência é de natureza não composicional, considerando que não podemos interpretar que *um pingo d'água* possa ser manipulado para atender as intenções de quem deseja usá-lo

para *dar um nó em X*, visto que *água* é um elemento químico, líquido não contável, portanto, a interpretação não pode ser literal visto que há uma fixidez e cristalização dos itens, conforme atestam os exemplos a seguir: *Maria dá nó em pingo de refrigerante/café/leite. *O pingo que Maria deu nó é de água. *O nó dado por Maria no pingo d'água ficou frouxo. As restrições sintático-semânticas das transformações são evidentes, e quanto maior forem as restrições, maior é a noção de fixidez e cristalização. Trata-se, portanto, do uso do verbo *dar* em expressões.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. J. A. de. Transitividade, ergatividade e a ordem verbo-sujeito no processo de aquisição do português. In: *Veredas-Revista de estudos lingüísticos*, v. 3, n. 2, jul./dez. 1999.
- BORBA, F. da S. et al. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- _____. *Uma teoria de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.
- CAMPOS, M. H. C. *Sintaxe e semântica do português*. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 18. ed. São Paulo: Nacional, 1978.
- CHAFE, W. L. *Significado e estrutura lingüística*. São Paulo: L TC, 1970.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DUBOIS, J. et al. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1986.
- DUCROT, O.; TODOROV, T. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- FERREIRA, A. B. de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2.ed. ver. e amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FILLMORE, C. "The case for case", in Bach, E. e Harms, R. T. (Orgs.). *Universals in Linguistic Theory*. Nova York, Holt, Rinehart and Winston, 1968.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. Transitividade: estrutura argumental e ensino de gramática. In: *II Encontro Nacional de Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino*, 2003, João Pessoa. Anais do II ECLAE. v. 1, p. 1319-1327. João pessoa: Idéia, 2003.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HARRIS, Z. *Discourse analysis*. Language, New York, v. 28, n. 1, p. 1-30, 1952.

HJELMSLEV, L. *Principios de gramática general*. Madrid: Editorial Gredos, 1976.

HOPPER, P.; THOMPSON, S. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, 56 (2). 1980. p. 251-299.

HOUAISS, A. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IGNÁCIO, S. E. *Para uma tipologia dos complementos verbais do português contemporâneo do Brasil*. Tese de livre docência apresentada ao Departamento de Linguística da F.C.L. de Araraquara: UNESP, 1994.

_____. *Análise sintática em três dimensões: uma proposta pedagógica*. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2002.

ILARI, R.; BASSO, R. Verbo. In: NEVES, M. H. de M.; ILARI, R.; CASTILHO, A. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2008.

LUFT, C. P. *Dicionário prático de regência verbal*. São Paulo: Ática, 1996.

MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1983.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

PUSTEJOVSKY, J. *The generative lexicon*. MIT Press paperback edition, 1998.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

SAID ALI, M. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. 3. ed. Brasília: ed. da Universidade de Brasília, 1964.

TESNIÈRE, L. *Éléments de syntaxe structurale*. Paris, Klincksieck, 1969.